



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ-UNIPORÁ
BACHARELADO EM ODONTOLOGIA

HELLEN REGINA PEREIRA DIAS

ABORDAGEM ODONTOLÓGICA COM PACIENTES COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ODONTOPEDIATRIA

IPORÁ-GO

2024



HELLEN REGINA PEREIRA DIAS

ABORDAGEM ODONTOLÓGICA COM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ODONTOPEDIATRIA

Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso de Odontologia Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ como exigência parcial para obtenção do título de Bacharelado em Odontologia.

Orientador: Prof. Especialista: Rayssa Alixandre da Silva

Coorientadora: Prof. Doutora: Claudia Ribeiro de Lima

Aprovado em: 13 de Dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Vanessa Gabriela Gonzalez Marques

Prof. Especialista: Vanessa Gabriela Gonzalez Marques
Presidente da Banca e Orientadora

Cláudia Ribeiro de Lima

Prof. Dr^a Claudia Ribeiro de Lima

Rayssa Alixandre da Silva

Orientadora Prof. Especialista: Rayssa Alixandre da Silva



ABORDAGEM ODONTOLÓGICA COM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ODONTOPEDIATRIA

DENTAL APPROACH TO PATIENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN

HELLEN REGINA PEREIRA DIAS¹

RAYSSA ALIXANDRE DA SILVA²

CLÁUDIA RIBEIRO DE LIMA³

RESUMO

Este artigo aborda a complexidade do atendimento odontopediátrico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco na aplicação de técnicas de manejo que promovam um ambiente seguro e acolhedor. O objetivo desta pesquisa é analisar as estratégias de adaptação e manejo comportamental voltadas para minimizar o estresse e a ansiedade dos pacientes com TEA durante o atendimento odontológico. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que inclui análise de artigos, livros, revistas e monografias selecionadas em bases de dados científicas como Scielo, PubMed e Google Scholar, buscando promover reflexões substanciais sobre o tema pesquisado. Inicia-se com a conceituação do espectro autista, ressaltando as particularidades de comunicação e comportamento que influenciam o atendimento desses pacientes. Em seguida, explora-se o impacto do TEA no contexto escolar, onde a adaptação pedagógica contribui para a inclusão e o desenvolvimento de habilidades fundamentais. No ambiente clínico, essas adaptações são traduzidas em práticas específicas que facilitam a cooperação e o sucesso dos procedimentos odontológicos. O estudo destaca a importância de técnicas como a dessensibilização gradual, a comunicação visual e a criação de um ambiente controlado, com estímulos visuais e auditivos reduzidos, para melhorar a experiência do paciente. Conclui-se que a qualificação profissional e o planejamento são essenciais para o atendimento seguro e eficaz de crianças com TEA, promovendo a construção de uma relação de confiança entre paciente, família e profissionais. Assim, este artigo contribui para a disseminação de práticas odontológicas inclusivas, visando aprimorar a qualidade e a humanização do cuidado odontopediátrico destinado a essa população.

¹ Graduanda em Odontologia pela Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. E-mail: hellenrpd@outlook.com

² Orientadora em Odontologia pela Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Graduação em Odontologia pela FAMP - Faculdade Morgana Potrich. Especialista em odontopediatria pela Abo Goiás. E-mail: drayssalixandre@gmail.com

³ Orientadora em Odontologia pela Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Graduação em ciências biológicas pela Universidade Estadual de Goiás. Graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista- UNIP. Especialização em Educação Universidade Federal de Goiás. Mestrado Ensino na Saúde pela Universidade Federal de Goiás. Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: claudiabiologiapedagogia@gmail.com

Palavras-chave: Odontopediátrico. Atendimento. Estímulos.

ABSTRACT

This article addresses the complexity of pediatric dental care for patients with Autism Spectrum Disorder (ASD), with a focus on the application of management techniques that promote a safe and supportive environment. The objective of this research is to analyze the adaptation and behavioral management strategies aimed at minimizing the stress and anxiety of patients with ASD during dental care. The methodology used was a bibliographic research that included analysis of articles, books, magazines and monographs selected from scientific databases such as Scielo, PubMed and Google Scholar, seeking to promote substantial reflections on the researched topic. It begins with the understanding of the autism spectrum, highlighting the particularities of communication and behavior that influence the care of patients. Next, the impact of ASD in the school context is explored, where pedagogical adaptation contributes to the development of fundamental skills. In the clinical environment, these adaptations are translated into specific practices that facilitate the cooperation and success of dental procedures. The study highlights the importance of techniques such as gradual desensitization, visual communication and the creation of a controlled environment, with reduced visual and auditory stimuli, to improve the patient's experience. It is concluded that professional qualification and planning are essential for the safe and effective care of children with TEA, promoting the construction of a relationship of trust between patient, family and professionals. Thus, this article contributes to the dissemination of inclusive dental practices, aiming to enhance the quality and humanization of pediatric dental care intended for this population.

Keywords: Pediatric dentistry. Care. Stimuli.

1 INTRODUÇÃO

A abordagem odontológica para pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na odontopediatria exige uma adaptação rigorosa e cuidadosa, direcionada a um atendimento individualizado e humanizado. O Transtorno do Espectro Autista abrange uma ampla gama de condições que impactam diretamente a comunicação, o comportamento e as interações sociais, tornando necessária a implementação de estratégias adaptativas que assegurem o sucesso do tratamento e a segurança do paciente. Esse transtorno pode manifestar-se por meio de respostas sensoriais intensificadas, dificuldades de comunicação e resistência a procedimentos clínicos, aspectos que exigem dos profissionais de odontologia um planejamento específico para cada paciente. Além disso, a odontopediatria lida com um público particularmente



vulnerável, em que a cooperação dos pacientes é imprescindível para a realização segura e eficaz dos procedimentos (Barros *et al* 2023).

O atendimento odontológico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um desafio que demanda uma abordagem especializada, centrada nas particularidades sensoriais e comportamentais desse público, especialmente na odontopediatria, onde a colaboração das crianças é essencial para a realização dos procedimentos (Barros *et al* 2023).

No ambiente escolar, onde muitas crianças com TEA vivenciam suas primeiras experiências de socialização estruturada, a adaptação de metodologias pedagógicas contribui significativamente para a inclusão e o desenvolvimento dessas crianças.

No ambiente clínico, tais adaptações se refletem em técnicas de manejo comportamental e ambiental, que têm como objetivo minimizar o estresse e a ansiedade do paciente durante o atendimento. Diversos estudos demonstram que a utilização de técnicas específicas, como a dessensibilização gradual, a comunicação visual e o uso de objetos de conforto, pode promover uma experiência menos traumática e mais colaborativa. A conscientização dos pais e cuidadores também é essencial, pois a preparação para o atendimento deve iniciar-se no ambiente doméstico, promovendo um contexto de familiaridade com o consultório e com o próprio processo odontológico (Massi *et al*, 2024).

Este artigo explora inicialmente o conceito do espectro autista e suas principais implicações, seguido por uma análise do impacto do TEA no contexto escolar, com foco nas adaptações necessárias para uma melhor inclusão. Em seguida, aborda-se o atendimento odontológico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista, enfatizando as técnicas de manejo fundamentais para garantir uma abordagem humanizada e segura.

A partir das particularidades comportamentais e sensoriais características do Transtorno do Espectro Autista, adaptações no atendimento odontológico promovem não apenas a eficiência dos procedimentos, mas também a construção de uma relação de confiança entre paciente, família e profissional (Alves, Silva, 2024). Assim, um dos objetivos específicos deste estudo é evidenciar a importância da adaptação no atendimento odontopediátrico para pacientes com TEA, contribuindo para o desenvolvimento de boas práticas e para o aprimoramento da qualidade do cuidado odontológico oferecido a essa população.

2 CONCEITO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em vários contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. As manifestações comportamentais geralmente tornam-se evidentes na primeira infância, com o diagnóstico sendo estabelecido por volta dos 2 a 3 anos de idade (Resende, Campos, 2024).

O TEA afeta diversos aspectos do comportamento e da interação social dos indivíduos, persistindo ao longo de toda a vida. Nos últimos anos, o TEA tem ganhado crescente atenção tanto na área clínica quanto na educativa, devido ao aumento significativo no número de diagnósticos e à necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre o transtorno. A variabilidade dentro do espectro é um dos aspectos mais desafiadores no entendimento e na abordagem do TEA. A variabilidade dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um dos principais desafios no entendimento e na intervenção eficaz para esses indivíduos. O espectro autista abrange uma ampla gama de características, que variam em intensidade e manifestação, incluindo desde habilidades de comunicação, interações sociais e comportamentos repetitivos, até questões sensoriais e cognitivas. Pessoas com TEA podem apresentar desde autismo de alto funcionamento, com habilidades cognitivas preservadas, até casos com deficiência intelectual significativa (APA, 2022).

A sensibilidade a estímulos sensoriais, a capacidade de interação social e os interesses restritos apresentam grande variabilidade entre indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas diferenças tornam indispensável o desenvolvimento de abordagens individualizadas, adaptadas às necessidades específicas de cada pessoa, garantindo maior eficácia nas intervenções e promovendo a inclusão (APA, 2022).

O reconhecimento dessa variabilidade tem implicado em intervenções mais flexíveis e personalizadas, que respeitem as particularidades de cada indivíduo, visando promover seu desenvolvimento e inclusão social. Pesquisas recentes reforçam a importância de um diagnóstico precoce e de estratégias educacionais adaptadas às diferentes necessidades das pessoas com TEA, focando na promoção da autonomia e qualidade de vida (Lord *et al.*, 2020).



A prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado significativamente nas últimas décadas, e estudos recentes apontam diversos fatores que explicam essa tendência. Esses dados apontam que a maior precisão nos diagnósticos e a inclusão de mais variações do espectro (como casos de autismo leve) podem explicar parte do aumento da prevalência, especialmente com a adaptação dos critérios diagnósticos nos manuais internacionais, como o DSM-5. Além disso, novas abordagens metodológicas, como o uso de instrumentos de rastreamento mais precisos, têm contribuído para a identificação de casos anteriormente não diagnosticados (Almeida, Neve, 2020).

Além disso, fatores ambientais e genéticos também são frequentemente citados como contribuintes possíveis para o aumento da prevalência do TEA. Esses estudos também sugerem que a localização geográfica e o ano de realização dos estudos influenciam a variação da prevalência observada. Por exemplo, as taxas de prevalência de TEA tendem a ser mais altas em países da América do Norte, o que pode refletir maior acesso a diagnósticos e serviços. Esses estudos revelam que, embora a prevalência do TEA esteja aumentando, isso pode ser, em grande parte, devido ao aprimoramento dos métodos de diagnóstico e à crescente conscientização sobre o transtorno (Ribeiro, Polanczyk, 2022).

Segundo a American Psychiatric Association (2022, p. 50.) “O autismo é uma condição de neurodesenvolvimento, onde há uma combinação de fatores genéticos e ambientais que influenciam seu surgimento”. A ampliação dos critérios diagnósticos, promovida pelas revisões do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM), e o aumento da conscientização sobre o transtorno são fatores centrais para essa elevação nos números (Fombonne, 2020). As mudanças nos critérios diagnósticos permitiram a identificação de casos mais leves, que antes não seriam reconhecidos, além de uma maior sensibilidade ao diagnóstico precoce em crianças.

Além disso, o aprimoramento das ferramentas diagnósticas e a maior capacitação de profissionais da saúde e educação têm contribuído para o reconhecimento de sinais de autismo em diferentes faixas etárias e contextos socioculturais (Maenner *et al.*, 2021). No entanto, o aumento da prevalência também levanta questões sobre possíveis influências ambientais e genéticas, que ainda estão sendo estudadas. Com a ampliação do diagnóstico, tem havido um avanço nas políticas de inclusão e nas intervenções especializadas, que buscam atender às

necessidades dessa população crescente. Essa tendência de aumento na prevalência do TEA destaca a importância de uma atenção contínua ao tema para promover intervenções e suporte adequados (Ribeiro, Polanczyk, 2022).

Segundo Oliveira e Santos (2024), o autismo deve ser entendido como um distúrbio do desenvolvimento e do comportamento, e não como uma psicose. As pessoas autistas apresentam algumas características específicas, incluindo déficit cognitivo, tendência ao isolamento, ausência de movimentos antecipatórios, dificuldades na comunicação e alterações na linguagem, como ecolalia e inversão pronominal. Também são comuns comportamentos repetitivos, resistência a mudanças e limitação de atividades espontâneas. Embora possuam um bom potencial cognitivo, muitas vezes isso não é demonstrado de forma clara. Além disso, indivíduos com autismo podem memorizar grandes quantidades de informações sem utilidade prática, apresentar dificuldades motoras globais e problemas relacionados à alimentação (Oliveira, Santos, 2024).

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é predominantemente clínico, baseado em critérios estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e pela Classificação Internacional de Doenças (CID-11). A avaliação inclui observações do comportamento e relatos de familiares e profissionais da saúde, complementados por instrumentos padronizados, como a Entrevista Diagnóstica para Autismo (ADI-R) e a Escala de Observação Diagnóstica de Autismo (ADOS) (Lord *et al.*, 2020). “O Transtorno do Espectro Autista abrange uma variedade de manifestações, desde dificuldades no desenvolvimento da linguagem até habilidades incomuns em áreas específicas, exigindo uma abordagem multifacetada” (Lord *et al.*, 2022. p. 119).

A etiologia do TEA é complexa e multifatorial, envolvendo fatores genéticos e ambientais. Embora não haja uma única causa identificada, pesquisas sugerem que a combinação de predisposição genética com influências ambientais pode contribuir para o desenvolvimento do TEA (Mattila *et al.*, 2018). A identificação precoce do transtorno é crucial para a implementação de intervenções que possam melhorar a qualidade de vida dos indivíduos afetados.

As intervenções para indivíduos com TEA são variadas e devem ser adaptadas às necessidades específicas de cada pessoa. As abordagens terapêuticas incluem, entre outras, a terapia comportamental, a intervenção precoce, a terapia ocupacional



e a fonoaudiologia. A Terapia ABA (Análise do Comportamento Aplicada), por exemplo, tem demonstrado eficácia em melhorar as habilidades sociais e de comunicação de indivíduos com TEA (Alen *et al.*, 2022).

A etiologia do TEA é complexa e multifatorial, envolvendo fatores genéticos e ambientais. Embora não haja uma única causa identificada, pesquisas sugerem que a combinação de predisposição genética com influências ambientais pode contribuir para o desenvolvimento do TEA (Mattila *et al.*, 2018). A identificação precoce do transtorno é crucial para a implementação de intervenções que possam melhorar a qualidade de vida dos indivíduos afetados.

Portanto, compreender as diversas formas em que o autismo se manifesta é essencial para garantir um suporte adequado e inclusivo em diferentes contextos. Cada indivíduo com TEA apresenta um conjunto único de habilidades, deficiências e necessidades, o que torna essencial a personalização das intervenções e do suporte oferecido.

2.1 O espectro autista no contexto escolar

No contexto educacional, a inclusão escolar é um dos pilares para o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas em crianças com Transtorno do Espectro Autista. A criação de ambientes de aprendizado que respeitem as diferenças individuais e promovam a participação ativa é essencial para o sucesso desses alunos. Políticas educacionais inclusivas, como a adoção de planos de ensino individualizados (PEI), têm sido implementadas em diversos países para garantir que alunos com TEA recebam o suporte necessário (Sasaki, 2016).

No âmbito educacional, a inclusão escolar é fundamental para promover o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas em crianças com TEA. A adoção de práticas pedagógicas inclusivas, como a elaboração de Planos Educacionais Individualizados (PEI), é essencial para atender às necessidades específicas desses alunos. Além disso, a capacitação de professores e profissionais da educação é preponderante para garantir um ambiente de aprendizagem que respeite as diferenças e promova a participação ativa de todos os alunos (Filho, Branco, 2023).



O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta grandes desafios no ambiente escolar devido à diversidade de manifestações e necessidades educacionais dos alunos diagnosticados. O TEA engloba desde dificuldades no desenvolvimento da linguagem e na interação social até comportamentos repetitivos e hipersensibilidade sensorial. Nesse sentido, as escolas precisam se adaptar para oferecer um ambiente inclusivo, com estratégias de ensino individualizadas que contemplem tanto os aspectos pedagógicos quanto socioemocionais (Lord *et al.*, 2020).

A inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares é um avanço significativo, amparado por legislações e políticas públicas de inclusão. No Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015 e a Política Nacional de Educação Especial de 2008 estabeleceram que todos os estudantes têm direito a uma educação de qualidade, com recursos e adaptações necessários. No entanto, a efetiva implementação dessas políticas depende de uma formação adequada dos professores e de equipes multidisciplinares que ofereçam suporte especializado aos alunos com TEA (Schwartzman, 2019).

A formação de professores é um dos principais pontos para o sucesso da inclusão. Estudos indicam que muitos educadores ainda se sentem despreparados para lidar com as particularidades do TEA, o que pode gerar dificuldades tanto para o aluno quanto para o professor. Capacitações continuadas que abordem técnicas específicas, como a Análise do Comportamento Aplicada, o ensino estruturado e o uso de tecnologias assistivas, são fundamentais para promover uma educação efetiva e inclusiva (Pellicano *et al.*, 2022).

Além disso, o ambiente escolar deve ser adaptado para minimizar estímulos que possam causar desconforto ou sobrecarga sensorial aos alunos com TEA, como iluminação intensa ou barulhos altos, e proporcionar espaços tranquilos para que possam se acalmar quando necessário. A personalização do currículo é outro aspecto importante. Alunos com TEA podem apresentar grandes diferenças em suas capacidades cognitivas, variando de habilidades excepcionais em áreas específicas, como matemática ou arte, a dificuldades mais generalizadas. Portanto, o planejamento pedagógico deve ser flexível e baseado em uma avaliação contínua das necessidades de cada aluno (Robertson, Baron-Cohen, 2017).



A socialização é outro desafio importante. Alunos com TEA, em muitos casos, têm dificuldade em interpretar pistas sociais, o que pode comprometer suas interações com colegas e gerar isolamento. Nesse contexto, o papel da escola é promover atividades que incentivem a interação social de maneira estruturada, oferecendo suporte para que essas crianças aprendam a lidar com as dinâmicas sociais de forma gradual e supervisionada (Happé, Frith, 2020).

Pesquisas recentes sugerem que o envolvimento da família também é um fator importante no sucesso escolar de alunos com TEA. A colaboração entre professores, pais e especialistas é essencial para criar estratégias educacionais consistentes que se estendam para o ambiente familiar, proporcionando um desenvolvimento mais integrado (Maenner *et al*, 2021).

Assim sendo, o contexto escolar deve ser um espaço acolhedor e flexível para alunos com TEA, garantindo-lhes o direito à educação inclusiva. Para isso, é necessária a capacitação contínua de professores, a adaptação dos ambientes e currículos e o apoio de equipes multidisciplinares, promovendo o desenvolvimento acadêmico e social dessas crianças.

Apesar desses pressupostos observa-se que nos últimos anos, a prevalência do TEA tem aumentado, em parte devido à maior conscientização sobre o transtorno e à ampliação dos critérios diagnósticos. Esse aumento destaca a importância de políticas públicas voltadas para a inclusão e o suporte a indivíduos com TEA e suas famílias. A compreensão do Transtorno do Espectro Autista como um espectro enfatiza a necessidade de respeito às diferenças individuais e a promoção de uma sociedade inclusiva, que valorize e apoie a diversidade humana. "O autismo é compreendido como um espectro, no qual cada indivíduo pode apresentar um conjunto único de características e desafios, refletindo uma ampla variabilidade na expressão da condição." (Silva, Souza, 2021. p. 77.)

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição complexa e multifacetada que requer uma compreensão abrangente para promover a inclusão e o desenvolvimento de indivíduos afetados. Avanços na pesquisa têm contribuído para uma melhor compreensão das características do Transtorno do Espectro Autista, suas causas e as melhores práticas para intervenção. No entanto, ainda há desafios a serem superados, especialmente no que se refere à oferta de suporte adequado e à implementação de políticas inclusivas. A continuidade de estudos e a sensibilização



da sociedade são fundamentais para garantir que indivíduos com TEA possam alcançar seu pleno potencial (Silva, Souza, 2021).

2.2 O TEA no contexto do atendimento odontológico

A inclusão de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sociedade e no campo da odontopediatria tem sido um tema de crescente interesse e importância. A inserção de pacientes com TEA tanto na sociedade quanto na odontopediatria requer um esforço conjunto e multidisciplinar. A sensibilização, o treinamento de profissionais e a adaptação de ambientes e práticas são essenciais para garantir que esses indivíduos recebam o apoio necessário para se integrarem plenamente em todas as esferas da vida (Gordon *et al*, 2023).

A inserção de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sociedade e na odontopediatria tem avançado significativamente, com abordagens focadas na inclusão e adaptação. Na sociedade, a educação inclusiva e as campanhas de conscientização são preponderantes para promover a aceitação e reduzir o estigma (Gordon *et al*, 2023). Na odontopediatria, a capacitação de profissionais para lidar com as necessidades sensoriais e comportamentais dos pacientes com TEA é fundamental (Smith, Johnson, 2022). Ambientes adaptados e protocolos específicos são cada vez mais utilizados para proporcionar um atendimento mais eficaz e confortável (Miller, 2024). A colaboração entre diferentes áreas da saúde também é essencial para um cuidado integral e personalizado (Brown *et a.*, 2023).

O atendimento odontológico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer uma abordagem especializada e cuidadosa devido às características comportamentais, sensoriais e cognitivas que podem impactar diretamente o tratamento. Indivíduos com TEA frequentemente apresentam dificuldades em lidar com mudanças de rotina, ambientes novos e estímulos sensoriais intensos, como sons, luzes e cheiros, comuns em consultórios odontológicos. Essas peculiaridades podem gerar reações de ansiedade, desconforto e até resistência ao tratamento, tornando necessária a adaptação do ambiente e das técnicas de manejo (Friedlander *et al*, 2020).



Entre os principais desafios no atendimento odontológico de pessoas com TEA está a hipersensibilidade sensorial. Muitos pacientes podem reagir de forma adversa a estímulos como o som dos equipamentos, a luz direta ou o contato físico. A hipersensibilidade ao toque na cavidade bucal, por exemplo, pode dificultar a cooperação durante os procedimentos odontológicos. Para minimizar esses efeitos, recomenda-se a utilização de técnicas de dessensibilização, introduzindo gradualmente o paciente ao ambiente odontológico e aos instrumentos utilizados (Vazquez *et al*, 2021).

Outro ponto importante é a comunicação. Muitos indivíduos com TEA podem ter dificuldades de comunicação, sendo necessário o uso de estratégias alternativas, como o emprego de linguagem simples, sinais visuais e reforço positivo para facilitar o entendimento do que será realizado. A antecipação de cada etapa do tratamento também é fundamental, pois ajuda a reduzir a imprevisibilidade, que pode gerar ansiedade no paciente. Nesses casos, o uso de histórias sociais e materiais visuais explicativos sobre o procedimento pode ser uma ferramenta eficaz (Marshall *et al*, 2022).

Além disso, é importante que o dentista trabalhe em colaboração com a família e outros profissionais da saúde, como psicólogos e terapeutas ocupacionais, para entender melhor o comportamento e as necessidades específicas do paciente. Essa abordagem multidisciplinar permite uma personalização do atendimento, respeitando as particularidades de cada pessoa com TEA e garantindo maior segurança e eficácia no tratamento (Ferreira *et al*, 2020).

A sedação consciente e a anestesia geral podem ser opções viáveis para casos mais complexos, onde o manejo comportamental e as adaptações não são suficientes para realizar o tratamento odontológico com segurança. No entanto, essas opções devem ser analisadas cuidadosamente, considerando os riscos e os benefícios para cada paciente (Casamassimo *et al*, 2020).

O desenvolvimento de políticas de inclusão no campo da saúde bucal tem levado à criação de protocolos específicos para o atendimento de pacientes com TEA, destacando a importância da formação contínua dos profissionais de odontologia. Dentistas e suas equipes devem estar preparados para oferecer um atendimento humanizado e adaptado, garantindo o direito à saúde bucal para todas as pessoas,

independentemente de suas condições (American Academy of Pediatric Dentistry, 2021).

Especifica-se que o atendimento odontológico de pacientes com TEA demanda uma abordagem individualizada, com adaptações no ambiente e na comunicação, além de técnicas de manejo comportamental que visam minimizar o desconforto e a ansiedade. A sensibilização e capacitação dos profissionais de odontologia são essenciais para proporcionar um cuidado de qualidade e inclusivo (American Academy of Pediatric Dentistry, 2021).

3 Técnicas de manejo utilizadas em pacientes com TEA no atendimento odontológico

O Ministério da Saúde (MS) estabelece que todas as pessoas com deficiência têm direito a um atendimento equitativo e inclusivo nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), tanto para suas necessidades básicas quanto para as específicas, abrangendo assistência médica e odontológica (Brasil, 2013). No caso das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as diretrizes do Ministério da Saúde para a reabilitação recomendam que os serviços públicos de saúde estejam sempre prontos e capacitados para oferecer acolhimento adequado, atendendo de forma integral às suas demandas. Isso inclui o acompanhamento especializado e multidisciplinar, com foco na habilitação/reabilitação, saúde mental, e assistência médica e odontológica (Brasil, 2014).

O atendimento odontológico a pacientes com Transtorno do Espectro Autista exige a implementação de estratégias especializadas para garantir tanto a eficácia do tratamento quanto uma experiência confortável e segura. Pacientes com TEA frequentemente enfrentam desafios sensoriais, cognitivos e comportamentais, que podem interferir diretamente nos procedimentos odontológicos. Esses desafios incluem a hipersensibilidade a estímulos sensoriais, dificuldades de comunicação e resistência ao toque ou a mudanças na rotina, que podem gerar ansiedade e dificuldades no processo de cooperação. Portanto, é essencial que o profissional de odontologia adote abordagens adaptativas, como a dessensibilização gradual, o uso de recursos visuais e a criação de um ambiente calmo e previsível, a fim de minimizar



o estresse e favorecer a colaboração do paciente (Pereira *et al.*, 2023; Silva *et al.*, 2022).

Além disso, é importante envolver os pais e cuidadores no processo, fornecendo orientações sobre como preparar o paciente para a consulta e proporcionando suporte emocional durante o atendimento. Essa abordagem colaborativa e personalizada não apenas melhora a eficácia dos tratamentos, mas também contribui para a construção de uma relação de confiança entre o paciente, a família e os profissionais de saúde (Ferreira, Oliveira, 2023).

Por essa razão, o desenvolvimento de técnicas adaptadas ao perfil desses indivíduos é fundamental para garantir o sucesso clínico e o bem-estar dos pacientes. "O atendimento odontológico a pacientes com Transtorno do Espectro Autista requer adaptações no ambiente e na comunicação, utilizando técnicas como dessensibilização gradual e reforço positivo para garantir uma experiência mais tranquila e colaborativa" (Gomez *et al*, 2021, p. 85).

Uma das técnicas mais eficazes é o processo de adaptação e acolhimento gradual ao ambiente odontológico. Pacientes com TEA podem apresentar ansiedade ou medo diante de situações desconhecidas, como o ambiente de um consultório odontológico. De acordo com Morisaki *et al*, (2020), é recomendado que o odontologista ofereça visitas prévias para familiarizar o paciente com o ambiente, equipamentos e equipe. Isso reduz a ansiedade e possibilita uma aproximação gradual ao tratamento. Nesses encontros, o paciente é exposto progressivamente ao consultório, à cadeira odontológica e a instrumentos básicos, sempre respeitando seu ritmo de adaptação.

A comunicação eficaz é essencial no manejo de pacientes com TEA. Muitos indivíduos nesse espectro podem apresentar dificuldades de linguagem e compreensão. Segundo Cuvo *et al*, (2021), o uso de comunicação visual, como figuras ou cartões, pode facilitar a compreensão dos procedimentos a serem realizados. Além disso, o uso de linguagem simples e objetiva, evitando termos técnicos, é importante para melhorar a cooperação durante o atendimento. Estratégias de reforço positivo, como elogios e recompensas, são frequentemente utilizadas para incentivar comportamentos colaborativos. "A comunicação com pacientes com Transtorno do Espectro Autista deve ser adaptada para melhorar a compreensão e cooperação, utilizando recursos visuais e instruções claras. O uso de linguagem simples e o reforço



positivo são fundamentais para o sucesso do atendimento odontológico" (Ferguson *et al*, 2019, p. 490).

A dessensibilização sistemática é uma técnica amplamente utilizada para reduzir o medo e a ansiedade de pacientes com TEA em situações odontológicas. De acordo com um estudo de Ferreira (2021), essa técnica envolve a exposição gradual do paciente ao ambiente e procedimentos odontológicos, associando essas experiências a estímulos positivos. Por exemplo, um paciente pode inicialmente apenas observar o ambiente e ouvir o som dos instrumentos, para em consultas futuras progredir para a participação efetiva no tratamento. Esse processo permite que o paciente se acostume gradualmente com cada aspecto da consulta, reduzindo o desconforto.

O método "Tell-Show-Do" (Conte-Mostre-Faça) é uma abordagem frequentemente empregada em pacientes com TEA. Esse método consiste em explicar detalhadamente (Tell) o procedimento que será realizado, mostrar ao paciente como ele será feito utilizando objetos e materiais (Show), e então executar o procedimento (Do). Essa técnica aumenta a previsibilidade do atendimento, reduzindo o estresse e a ansiedade do paciente. Além disso, promove maior aceitação e participação ativa do indivíduo durante o tratamento (Silva, 2020).

O Sistema de Comunicação por Troca de Imagens (PECS) é uma ferramenta visual que permite ao paciente expressar sentimentos, observações e desejos por meio de imagens. Trata-se de um livro de figuras que, conforme o paciente evolui, pode ser ampliado com mais palavras e imagens, promovendo uma comunicação mais eficaz entre o profissional de saúde e o paciente. O PECS é especialmente recomendado para pacientes não verbais, com o objetivo de facilitar o atendimento odontológico, pois proporciona instruções claras e repetitivas, atendendo às necessidades dos aprendizes visuais. Além disso, o uso do PECS contribui para melhorar as dificuldades de fala e reduzir problemas comportamentais dos pacientes (Meharwade *et al*, 2021).

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma terapia focada na modificação comportamental, com o objetivo de ensinar habilidades específicas. Essa abordagem aumenta as chances de o paciente aceitar procedimentos odontológicos simples e rotineiros sem a necessidade de intervenções mais invasivas, como restrição física ou sedação. O método ABA é implementado em etapas, onde as

habilidades são ensinadas de forma gradual e separada, recompensando a criança à medida que ela adquire as competências necessárias para colaborar no tratamento (Chandrashekar, Bommangoudar, 2018). "A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem eficaz para modificar comportamentos e ensinar habilidades específicas, aumentando a aceitação de procedimentos odontológicos de rotina em pacientes com TEA, sem necessidade de intervenções invasivas" (Smith *et al*, 2020, p. 112)

Em alguns casos, especialmente em situações de emergência ou quando não há cooperação, pode ser necessário o uso de contenções físicas. Segundo Brasil (2019), o uso de contenções deve ser considerado apenas como último recurso, quando todas as demais técnicas de manejo falharem. Protetores, como estabilizadores de cabeça ou imobilizadores, podem ser utilizados para evitar movimentos bruscos que coloquem o paciente em risco durante o atendimento. O uso dessas contenções deve ser cuidadosamente explicado ao paciente e, sempre que possível, evitado. "A estabilização protetora pode estar incorporada à restrição física ou mecânica. No entanto, é importante observar que seu uso é objeto de debate e controvérsias e envolve a avaliação dos riscos, como danos físicos e psicológicos" (Brasil, p. 95, 2019).

Para pacientes com TEA que apresentam dificuldades severas de cooperação, a sedação consciente ou a anestesia geral podem ser opções viáveis. A sedação consciente, com o uso de óxido nitroso, é uma técnica segura e eficaz para reduzir a ansiedade e aumentar a colaboração em pacientes com TEA. Em casos mais extremos, como pacientes com comportamentos severamente autolesivos ou agressivos, a anestesia geral pode ser indicada para realizar tratamentos odontológicos mais complexos (Reis *et al*, 2024). Esses métodos, no entanto, devem ser realizados em ambiente hospitalar, com uma equipe treinada para monitorar o paciente de forma adequada.

Muitos pacientes com TEA têm sensibilidades sensoriais aumentadas, como aversão a sons altos, luzes fortes ou texturas específicas, o que pode dificultar o atendimento odontológico. Como destacado por Silva *et al* (2020), é importante que o ambiente do consultório seja adaptado para minimizar estímulos sensoriais excessivos. O uso de luzes mais suaves, sons calmantes e a aplicação de instrumentos que gerem menor ruído pode ajudar a tornar o ambiente mais confortável



para o paciente. Além disso, oferecer ao paciente opções como fones de ouvido com músicas relaxantes ou óculos escuros pode reduzir o impacto desses estímulos (Silva *et al*, 2022).

Salienta-se que o manejo odontológico de pacientes com TEA exige uma abordagem multidisciplinar e individualizada, que considere as especificidades de cada paciente. Técnicas como a adaptação gradual ao ambiente, o uso de comunicação visual, a dessensibilização sistemática e o método Tell-Show-Do são eficazes na redução da ansiedade e no aumento da cooperação. Em casos mais desafiadores, pode ser necessário recorrer a contenções físicas ou métodos de sedação, sempre respeitando os princípios éticos e a segurança do paciente. Com um ambiente adaptado e uma abordagem sensível às necessidades individuais, é possível oferecer um atendimento odontológico de qualidade, promovendo a saúde bucal e o bem-estar dos pacientes com TEA (Pereira *et al*, 2023).

4 Atendimento odontológico em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A intensidade das dificuldades enfrentadas por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista nas atividades cotidianas varia conforme o grau de severidade do transtorno. Em casos mais graves, esses pacientes podem ter grandes dificuldades, ou até mesmo incapacidade, para realizar tarefas essenciais como tomar banho, vestir-se, alimentar-se e escovar os dentes. Esses desafios decorrem de uma combinação de fatores, como dificuldades motoras, limitações na comunicação e nas habilidades de socialização, além de um processamento sensorial atípico (Santos *et al.*, 2021; Lima, Almeida, 2023). Essas dificuldades não apenas impactam a autonomia dos indivíduos, mas também exigem uma abordagem cuidadosa e adaptada, tanto na vida diária quanto em contextos terapêuticos, como o atendimento odontológico, onde a cooperação pode ser mais difícil devido à resistência a toques ou estímulos específicos (Silva *et al.*, 2022).

A intervenção precoce e a adaptação do ambiente, como o uso de técnicas de reforço positivo, estratégias de comunicação aumentativa e a colaboração com os cuidadores, são fundamentais para apoiar esses pacientes em suas rotinas diárias, promovendo maior independência e qualidade de vida (Pereira, Costa, 2023)

Silva *et al* (2009) ressaltam que o uso de medicamentos controlados e as dificuldades na higiene oral impactam diretamente a saúde bucal dos pacientes com TEA, aumentando a suscetibilidade a doenças como cárie e periodontite. Esses pacientes requerem cuidados especiais, especialmente na prevenção, tornando indispensável a visita regular ao dentista. Por isso, é fundamental que o cirurgião-dentista se aprofunde no conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista, para minimizar barreiras e proporcionar um atendimento odontológico adequado.

Xavier *et al* (2021) indicam que pessoas com TEA estão mais predispostas a desenvolver cáries e alterações periodontais devido a fatores como: dificuldade na higienização, seletividade alimentar, hipersensibilidade, alterações comportamentais e desafios no atendimento odontológico, que são reflexo das particularidades do espectro autista.

O atendimento odontológico para pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é crucial para evitar o agravamento de doenças bucais como cárie e periodontite, devido às dificuldades comportamentais e sensoriais que esses pacientes apresentam. A capacitação dos profissionais de saúde bucal é indispensável para garantir a eficácia do tratamento e a manutenção da saúde bucal (Jaber, 2011, p. 215).

Os pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar diversas características que dificultam a cooperação durante consultas odontológicas. Frequentemente, o primeiro contato da criança com o cirurgião-dentista ocorre tardiamente, o que torna o atendimento ainda mais desafiador. Estabelecer a confiança do paciente autista demanda tempo e paciência, sendo comum não alcançar resultados satisfatórios na primeira consulta (Carmo, 2019).

Para garantir uma visita bem-sucedida de crianças com Transtorno do Espectro Autista ao dentista, é essencial que toda a equipe clínica, incluindo recepcionistas, assistentes e o cirurgião-dentista, esteja bem preparada para compreender e lidar com as particularidades desse público. A adoção de estratégias específicas desde o agendamento até o final da consulta pode contribuir significativamente para uma experiência mais tranquila e colaborativa. Um ambiente clínico consistente, no qual os pacientes encontrem a mesma equipe, consultório e materiais em cada visita, pode aumentar a sensação de segurança e reduzir a ansiedade. Além disso, a presença de



um responsável durante o atendimento pode proporcionar conforto e apoio emocional durante o processo (Alves, Silva, 2024).

De acordo com Alves e Silva (2024), o estabelecimento de uma conexão eficaz com pacientes autistas é crucial. Para isso, o profissional de saúde deve buscar estabelecer contato visual com a criança, o que facilita a comunicação e a cooperação. Elogios imediatos após a interação positiva são altamente recomendados, pois os pacientes com TEA respondem bem a reforços positivos. Outro ponto importante é o uso de elementos que favoreçam o engajamento da criança, como a música. Muitos pacientes autistas demonstram uma afinidade natural com sons e ritmos, o que pode ser explorado de forma terapêutica, como a incorporação de músicas agradáveis durante o processo de escovação, tornando a experiência mais prazerosa e incentivando a criação de hábitos de higiene bucal (Alves, Silva, 2024).

Existem diversas abordagens psicológicas aplicadas na Odontopediatria que são eficazes no atendimento a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. Técnicas como o método "dizer-mostrar-fazer" (Tell-show-do), distração, dessensibilização gradual, controle de voz, reforço positivo e modelação podem ser particularmente úteis para minimizar a ansiedade e facilitar a cooperação. Embora a aplicação dessas estratégias possa ser mais desafiadora em pacientes com TEA devido a suas características comportamentais e sensoriais, elas continuam sendo recomendadas como práticas eficazes. Além disso, abordagens específicas para o atendimento de pacientes autistas, como o modelo TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Distúrbios Correlacionados à Comunicação), desenvolvido pelo Dr. Eric Schoppler e sua equipe na Universidade da Carolina do Norte, têm se mostrado altamente eficazes. (Pereira *et al.*, 2023)

Na odontologia, o profissional pode criar uma sequência de imagens que ilustrem cada etapa da escovação e do uso do fio dental. Durante a consulta, à medida que o paciente realiza cada tarefa, o dentista pode trocar a imagem e elogiar a criança por cada etapa completada. O Sistema de Análise Aplicada ao Comportamento (ABA) é uma abordagem que visa modificar comportamentos indesejáveis. Assim, se o objetivo é que a criança mantenha um comportamento adequado durante a consulta, o dentista não deve desistir. Para promover essa mudança, é essencial que o profissional busque alternativas que motivem a criança a se engajar nas atividades propostas (Kumar *et al*, 2020).



O manejo odontológico adequado de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem individualizada e uma compreensão aprofundada do perfil comportamental desse público. Diversas técnicas podem ser aplicadas, como o Sistema de Comunicação por Figuras (PECS), a Análise Aplicada ao Comportamento (ABA), o método TEACCH, além de abordagens como dizer-mostrar-fazer, distração, dessensibilização, controle de voz, reforço positivo ou recompensa, e modelação. É responsabilidade do profissional selecionar e utilizar a técnica mais apropriada durante a consulta, garantindo um atendimento eficaz e confortável para o paciente (Pereira *et al*, 2023).

5 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada nesta pesquisa é baseada em uma revisão bibliográfica sobre a abordagem odontológica de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Odontopediatria. A revisão buscou identificar e analisar as principais estratégias e técnicas aplicadas por profissionais da odontologia para garantir um atendimento eficaz e humanizado a pacientes com TEA. Foram consultadas bases de dados científicas como Scielo, PubMed e Google Scholar, priorizando artigos publicados nos últimos anos, a fim de garantir a atualização das práticas discutidas. A seleção dos estudos levou em consideração as principais metodologias de manejo comportamental, como a Análise Aplicada ao Comportamento (ABA), o uso do Sistema de Comunicação por Figuras (PECS), além de estratégias de dessensibilização e reforço positivo. Com isso, esta revisão pretende sintetizar as melhores práticas descritas na literatura, contribuindo para a compreensão dos desafios e soluções no atendimento odontopediátrico de pacientes com TEA.

Andrade (2016) argumenta que a pesquisa bibliográfica é uma etapa imprescindível em qualquer estudo acadêmico, pois oferece a base teórica necessária para uma compreensão mais ampla das temáticas abordadas, estabelecendo diretrizes legítimas a partir de experimentos e estudos prévios. Nesse sentido, Fonseca (2015) complementa que o levantamento bibliográfico deve englobar tanto fontes físicas, como livros e dissertações, quanto materiais publicados em meios eletrônicos, como artigos e teses. Para o autor, “qualquer trabalho científico inicia-se



com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto" (Fonseca, 2015, p. 32).

Esse tipo de pesquisa não apenas amplia o conhecimento sobre o assunto, mas também oferece uma oportunidade para avaliar criticamente as contribuições anteriores, identificando lacunas e propondo novos caminhos para o desenvolvimento do tema. Além disso, a pesquisa bibliográfica contribui para o aprofundamento do entendimento do pesquisador, consolidando conceitos e teorias essenciais para a construção da análise do estudo em questão.

Conforme Gil (2018) a pesquisa bibliográfica desempenha um papel preponderante no desenvolvimento de estudos acadêmicos, uma vez que oferece um amplo panorama sobre um determinado tema. Ela permite que o pesquisador tenha acesso a uma variedade de fenômenos e informações já exploradas por outros, ampliando a compreensão do objeto de estudo sem a necessidade de realização de novos experimentos ou coletas de dados. Ao recorrer a fontes primárias e secundárias, a pesquisa bibliográfica propicia uma visão mais rica e diversificada, possibilitando a análise de diferentes perspectivas teóricas e empíricas. Além disso, ela fundamenta a pesquisa atual com base no conhecimento acumulado, garantindo a robustez das conclusões e permitindo uma interpretação mais profunda dos resultados obtidos. Essa abordagem é especialmente valiosa quando se busca explorar fenômenos complexos ou pouco acessíveis para observação direta, tornando-se um recurso essencial na produção científica.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a aplicação de técnicas de manejo odontológico em crianças com Transtorno do Espectro Autista na Odontopediatria reforçam a importância de adaptar o ambiente clínico e as práticas profissionais às necessidades específicas desses pacientes. As estratégias analisadas demonstraram benefícios significativos no aumento da cooperação, na redução da ansiedade e na melhoria geral da experiência odontológica para crianças com TEA.

No que tange às técnicas de comunicação e manejo Silva, (2020) especifica que a aplicação do método dizer-mostrar-fazer (Tell-Show-Do) e do Sistema de Comunicação por Figuras (PECS) foi altamente eficaz para promover a colaboração



durante os atendimentos odontológicos. O método dizer-mostrar-fazer, ao demonstrar visualmente os procedimentos antes de sua execução, permitiu aos pacientes compreender e antecipar as ações do dentista, reduzindo medo e ansiedade (Prado, 2020). Por outro lado, o PECS destacou-se por facilitar a interação entre o paciente e o profissional, possibilitando que as crianças expressassem preferências e necessidades por meio de figuras, minimizando barreiras comunicacionais e diminuindo o estresse (Pereira *et al*, 2023).

Estudos recentes confirmam que a combinação dessas técnicas é particularmente benéfica. Silva *et al* (2022) observaram que a integração de abordagens comportamentais e visuais não apenas aumentou a cooperação durante os procedimentos, mas também reduziu significativamente a resistência ao tratamento odontológico, criando um ambiente mais acolhedor e compreensível para crianças com dificuldades de comunicação e comportamento.

Dentre os desafios e adaptações sensoriais é perceptível observar que as crianças com TEA frequentemente apresentam hiperreatividade sensorial, que pode dificultar procedimentos odontológicos básicos, como limpeza e uso de instrumentos odontológicos (Kumar *et al.*, 2020). Estratégias como a redução de estímulos sensoriais intensos (luzes fortes e sons altos), consultas curtas e visitas prévias ao consultório se mostraram essenciais para mitigar essas dificuldades (Prado, 2020). Além disso, permitir que o paciente traga objetos familiares e tenha o acompanhamento de um responsável durante o atendimento reduziu a ansiedade e favoreceu a colaboração.

A Análise Aplicada ao Comportamento (ABA), com foco em reforços positivos, provou ser uma ferramenta valiosa para promover comportamentos cooperativos. Quando combinada a técnicas como distração e modelação, essa abordagem mostrou eficácia na diminuição da aversão ao toque e da hiperatividade (Cooper *et al.*, 2020; Silva *et al.*, 2022). A modelação, ao repetir e demonstrar comportamentos de maneira estruturada, criou um ambiente previsível e encorajador, essencial para pacientes com TEA.

O uso contínuo do PECS, aliado às estratégias comportamentais, facilitou a comunicação e contribuiu para o aumento da tolerância às instruções odontológicas. Segundo Silva (2022, p. 45): "as ações de manejo na odontologia para pacientes com TEA envolvem o uso de técnicas específicas como a modelação, visitas prévias ao



consultório e controle dos estímulos sensoriais, o que pode ajudar a reduzir a ansiedade e melhorar a colaboração".

Os resultados observados com abordagem odontológica no tratamento com pacientes com transtorno do espectro autista na odontopediatria indicaram que uma abordagem multidisciplinar, envolvendo dentistas, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais e pais, é preponderante para o sucesso no manejo de pacientes com esses pacientes. Crianças que receberam suporte contínuo de outros profissionais apresentaram adaptação mais rápida ao ambiente odontológico, confirmando os benefícios de práticas integradas (Schopler et al., 1982). O método TEACCH, com ênfase em ambientes estruturados e previsíveis, mostrou-se uma ferramenta eficaz no suporte a esses pacientes.

Os achados deste estudo evidenciam que a personalização das estratégias de atendimento odontológico é indispensável para pacientes com TEA. Técnicas como o método dizer-mostrar-fazer e o uso do PECS se destacaram como abordagens eficazes, enquanto a aplicação da ABA e de estratégias de dessensibilização requerem adaptações personalizadas conforme as características sensoriais de cada paciente. A continuidade do acompanhamento em um ambiente estruturado mostrou-se fundamental para o sucesso do tratamento, reforçando a importância do método TEACCH como suporte complementar.

Há que se ressaltar que os estudos futuros devem explorar o potencial de novas tecnologias, como realidade aumentada, para aprimorar ainda mais a eficácia dessas práticas e tornar a experiência odontológica mais acessível e confortável. A combinação de manejo adequado, uso de técnicas comportamentais e integração multidisciplinar é essencial para superar os desafios comportamentais e sensoriais, garantindo um atendimento eficiente e humanizado a pacientes com TEA.

7 CONCLUSÃO

O atendimento odontológico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista exige uma abordagem que combine conhecimento técnico, sensibilidade e práticas humanizadas, especialmente no contexto da odontopediatria, onde a interação desempenha um papel central no sucesso do tratamento. Este estudo destacou as características do TEA e as adaptações indispensáveis nos ambientes clínicos, enfatizando a importância de uma perspectiva integrada que contemple as

necessidades únicas desses pacientes em todas as suas interações sociais e de saúde.

A compreensão das particularidades do espectro autista, como as dificuldades de comunicação, comportamentais e sensoriais, é essencial para fundamentar abordagens personalizadas e eficazes. No ambiente odontológico, estratégias de manejo como o método "Tell-Show-Do", a dessensibilização gradual e o uso de ferramentas de comunicação visual, como o PECS, demonstraram ser eficazes para reduzir a ansiedade, melhorar a cooperação e facilitar a aceitação do tratamento. Essas técnicas, aliadas ao preparo do ambiente clínico – com controle de estímulos sensoriais, como luzes e sons – e à presença de familiares durante o atendimento, criam condições mais favoráveis para o bem-estar e a segurança do paciente.

Outro ponto relevante abordado foi a necessidade de formação continuada e capacitação dos profissionais de odontologia, para que possam identificar e atender às necessidades individuais de cada paciente com TEA. A troca de informações entre dentistas, familiares, educadores e outros profissionais de saúde também se mostrou fundamental para promover uma abordagem multidisciplinar. Essa colaboração integrada não apenas potencializa o sucesso do atendimento, mas também contribui para a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida desses pacientes.

Além das técnicas clínicas, o estudo reforçou a importância de práticas que respeitem e acolham a singularidade de cada criança, promovendo a construção de uma relação de confiança entre paciente e profissional. A familiarização prévia com o consultório e os instrumentos odontológicos, por exemplo, mostrou-se eficaz para minimizar reações adversas e facilitar a adaptação ao ambiente clínico.

Conclui-se, portanto, que o atendimento odontopediátrico de crianças com TEA deve ser norteado por princípios de acolhimento, paciência e individualização do cuidado. Essas práticas não apenas asseguram o sucesso do tratamento, mas também promovem um ambiente de respeito, empatia e inclusão. O avanço na abordagem odontológica para pacientes com TEA depende de um esforço coletivo entre profissionais de saúde, familiares e instituições educacionais, visando a implementação de práticas mais inclusivas e qualificadas. Assim, este estudo reafirma a necessidade de investir em adaptações e estratégias integradas que transformem o atendimento odontológico em uma experiência positiva, segura e respeitosa para pacientes com TEA.

REFERÊNCIAS

- Alen, Angela Rosane Levandowski. Melo, Marilda Aparecida de. AmaraL, Édina A. do. **O autismo e seus desafios sob o olhar da Psicologia**. Anais do 20º Encontro Científico Cultural Interinstitucional –ISSN 1980-7406. 2022.
- Almeida, M.L., Neves, A.S. **A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia?** Editora: Psicologia: Ciência e profissão, 40. 2020.
- Alves, A. B. S., Silva, S. V. **Conhecimento e Manejo Odontológico em Crianças com TEA: Uma Revisão Integrativa**. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, 6(10), 3756-3763. 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/atendimento-odontologico-para-pacientes-portadores-de-transtorno-do-espectro-autista-tea-revisao-de-literatura/>
- Andrade, A. C. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas. 2016.
- Barros, Rafael Eduardo, Pires, Fernanda Martins, Arantes, Ana Paula Ferreira, Toledo, Lucas Alves Pereira de, Livia Vieira Barbosa, Toledo, Rodrigo Cardoso Dias de. **Atendimento Odontológico em Crianças com Transtorno do Espectro Autista**. Vol. 3. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro. 2023. Disponível em: https://www.revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2023/1252_atendimento_odontologico_em_crianças_com_transtorno_do_espectro_autist.pdf
- American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- American Academy Of Pediatric Dentistry. **Guideline on management of dental patients with special health care needs**. AAPD. 2021.
- Brasil. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS**. Ministério da Saúde., Brasília. 2013.
- Brasil. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Ministério da Saúde., Brasília, DF. 2014.
- Brasil. Ministério da Saúde. **Guia de atenção à saúde bucal da pessoa com deficiência**. Brasília/DF, Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. 2019.
- Brito, A.R, Vasconcelos, M. M. **Conversando sobre autismo - reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas**. In: Caminha VL, Huguenin JY, Assis LM, Alves PP. Autismo: Vivências e Caminhos. São Paulo: Blucher, 2016. p. 23-32. Acesso em 22 de agosto de 2024.



- Brown, R., Patel, S., Greene, D. **Integrating Autism Care: A Multidisciplinary Approach.** Health & Social Care Review. 2023.
- Casamassimo, P. S., Seale, N. S., Townsend, J. A. **Pediatric dentistry for children with special needs.** Journal of Pediatric Dentistry, 42(3), 110-115. 2020.
- Carmo, G.M. **Tratamento odontológico em pacientes com transtorno do espectro autista.** Tubarão, 2019.
- Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. **Applied Behavior Analysis.** 2020.
- Cuvo, A. J., Finkel, A. S., Shook, K. M. **Teaching cooperation in dental care using visual supports.** Journal of Autism and Developmental Disorders, 51(3), 895-903. 2021.
- Ferreira, M. A., Guimarães, L. K., Silva, A. L. **Atendimento odontológico em crianças com transtorno do espectro do autismo: a importância de uma abordagem multidisciplinar.** Brazilian Journal of Oral Sciences, 19(3), 1-8. 2020.
- Ferreira, M.L. **Um jeito único de sorrir: Atendimento odontológico aos pacientes com Transtorno do Espectro Autista – Revisão Integrativa da literatura.** Research, Society and Development, v. 10, n. 4, e47110414299, 2021.
- Ferreira, C. F., & Oliveira, E. D. **O papel dos cuidadores no atendimento odontológico de crianças com autismo: Considerações e estratégias.** Revista de Odontologia Clínica e Pediátrica, 38(2), 88-95. 2023.
- Ferguson, R. P., Gillenwater, K., Koneru, A. **Dental management strategies for patients with autism spectrum disorder.** Special Care in Dentistry, 39(5), 486-495. 2019.
- Filho, Antonio Teodoro de Alencar Lucena, Amanda Gomes Tavares, Belchior, Wanda Vitória Martins de, Figueiredo, Tayná Ribeiro Monteiro de, Lima, Claudia Batista Vieira de. **Técnicas de manejo do comportamento de pacientes autistas durante atendimento odontológico: revisão de literatura.** Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras, 9 (único): 651-674, 2022.
- Filho, José A. S., Branco, Paulo C.C. **Transtorno do espectro autista e educação inclusiva: revisão integrativa de literatura.** Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 10, n. 25, p. 321-337, out/dez. 2023.
- Fombonne, E. **Epidemiology of autism spectrum disorders: prevalence, risk factors, and outcomes.** *Handbook of Autism and Pervasive Developmental Disorders*, 4th ed. 2020.
- Fonseca, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2015.



- Friedlander, A. H., Greenberg, M. S., Yagiela, J. A. **Dental management of the autistic child.** *Journal of Dentistry for Children*, 87(1), 21-26. 2020.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2018.
- Gomez, R. J., Pinheiro, J. C., Mendes, L. P. **Estratégias de atendimento odontológico para pacientes com transtorno do espectro do autismo: uma revisão abrangente.** *Journal of Autism Research*, 14(3), 80-90. 2021.
- Gordon, R., Lee, J., Thompson, H. **Advances in Autism Awareness and Education.** *Journal of Autism Research*. 2023.
- Jaber, M.A. **Dental Caries Experience, Oral Health Status, and Treatment Needs of Dental Patients with Autism.** *Journal of Applied Oral Science*, 2011.
- Kumar, S., Sharma, S., Bhardwaj, A. **Use of Visual Aids in Pediatric Dentistry: A Review.** *Journal of Clinical Pediatric Dentistry*, 2020.
- Kumar, P. **Sensory Sensitivities and Behavioral Challenges in Dental Care for Individuals with Autism.** *Journal of Dental Sciences*. 2020.
- Lima, F. A., & Almeida, R. P. (2023). **Impactos das dificuldades sensoriais e motoras no cotidiano de indivíduos com TEA.** *Jornal de Psicologia e Saúde Mental*, 41(2). 2023.
- Lord, C. **The Autism Diagnostic Observation Schedule, 2nd Edition (ADOS-2).** Manual (Part II): Toddler Module. Torrance, CA: Western Psychological Services, 2020.
- Lord, C., Charman, T., Havdahl, A. **The Lancet Commission on the future of care and clinical research in autism.** *The Lancet*, 396(10259), 445-478. 2020.
- Maenner, M. J., Shaw, K. A., Baio, J. **Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years—Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 sites, United States, 2016.** *MMWR Surveillance Summaries*, 70(11), 1-12. 2021.
- Marshall, J., Sheller, B., Williams, B. J. **Autistic children and behavior management in dental settings.** *Journal of the American Dental Association*, 153(2), 156-163. 2022.
- Massi, Y. S., Primo, L. G., Pintor, A. V. B. **Técnicas Psicológicas para Manejo Odontológico de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão de Escopo.** *Psychologica*, 22(3), 867-883. 2024. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/psd/v22n3/1645-0086-psd-22-03-867.pdf>



- Meharwade, P., Nookala, H., Kajjari, S., Malavalli, P., Hugar, M., S., Uppin, C., **Preenchendo a lacuna de comunicação em crianças autistas, uma imagem de cada vez.** Oral Biol Craniofac Res. Out-Dez; 15. DOI: 10.1016/j.jobcr.2021.07.005. 2021.
- Miller, A. **Adapting Pediatric Dentistry for Autism Spectrum Disorders.** Pediatric Dental Journal. 2024.
- Morisaki, K. I., Uemura, S., Hatta, K. **Gradual exposure approach to dental care for children with autism espectro disorder.** Pediatric Dental Care, 18(4), 67-73. 2020.
- Oliveira, Kalina de França. Santos, Cláudia Antônia Araújo Alves dos. **Transtorno do espectro autista: cronologia de fatos passados até os dias atuais.** Congresso Nacional de Educação, Educação da Universidade Federal de Pernambuco. 2022.
- Pereira, C. M., Costa, L. M. **A contribuição dos cuidadores na promoção da autonomia em pacientes com Transtorno do Espectro Autista.** Revista de Psicopedagogia, 37(4), 2023.
- Pereira, D. S. **Autismo: Abordagens Clínicas e Educacionais.** São Paulo: Editora Loyola, 2022.
- Pereira, A. A., Silva, L. M., Santos, P. R. **Estratégias de manejo odontológico em pacientes com Transtorno do Espectro Autista: Uma abordagem multidisciplinar.** Revista Brasileira de Odontologia Pediátrica, 35(4), 212-220. 2023.
- Prado, A. L. **Abordagem Odontológica em Pacientes com Transtorno do Espectro Autista.** Journal of Clinical Pediatric Dentistry. 2020.
- Reis, Giselle Emilãine da Silva, Lipski, Kendy Daniel, Cavalheiro, Amanda Kerin Alves, Sarot, João Rodrigo, Pupo, Yasmine Mendes. **Tratamento odontológico de paciente com transtorno do espectro autista sob anestesia geral.** Revista Foco. Curitiba. 2024.
- Resende, Samilly Danielly de, Campos, Sonia Maria de. **Transtorno do Espectro Autista: Diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica.** Revista Psicopedagógica. vol. 41 nº.125, São Paulo maio/ago. 2024.
- Ribeiro, T.C. Polanczyk, G.V. **Epidemiologia do transtorno do espectro do autismo: rastreamento e prevalência na população.** Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. 2022.
- Santos, J. F. **Desafios e estratégias de adaptação na vida diária de pessoas com Transtorno do Espectro Autista.** Revista Brasileira de Terapias Assistivas, 39(3). 2021.
- Silva, T. P. **A importância da intervenção precoce no desenvolvimento de habilidades cotidianas em crianças com autismo.** Revista de Terapia Ocupacional, 29(1), 2022.



- Silva, A. P. Souza, M. F. **Neurodiversidade e Inclusão: Desafios e Perspectivas na Educação**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- Silva, Deise Corrêa da. **Técnicas de Manejo de Pacientes com transtorno do Espectro Autista na Odontopediatria**. FAMA, Macapá, 2020.
- Silva, M. J. L. **Pacientes com transtorno do espectro autista: conduta clínica na odontologia**. Rev. UNINGÁ. v. 56, (S5): 122-129, 2019.
- Silva, R. M. **Impacto de técnicas comportamentais no atendimento odontológico de crianças com TEA**. Revista Brasileira de Odontopediatria e Odontologia do Bebê. 2022.
- Silva, R. M. **Técnicas Comportamentais no Atendimento Odontológico de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. 2022.
- Silva, T. P., Santos, R. F., Souza, J. M. **Impacto das dificuldades sensoriais e comportamentais no atendimento odontológico de pacientes com TEA**. Jornal de Pediatria Odontológica, 41(1), 54-63. 2022.
- Schopler, E **TEACCH: An Intervention Approach for Autistic Children**. Journal of Autism and Developmental Disorders. 1982.
- Smith, L. Johnson, M. **Understanding Sensory and Behavioral Needs in Pediatric Dentistry**. Clinical Pediatrics. 2022.
- Smith, T., Green, G., Brennan, L. **Applied Behavior Analysis and Autism: Strategies for Success in Dental Care**. Journal of Autism and Developmental Disorders, 50(1), 110-115. 2020.
- Vazquez, M., Ciolino, J. D., Burke, A. D. **Autism spectrum disorder: Dental implications and behavioral strategies for providing care**. The Journal of Clinical Pediatric Dentistry, 45(1), 12-18. 2021.
- Xavier, H. S. **Experiência de cárie em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista e fatores associados**. Brazilian Journal of Health Review, v.4, n(2): 7817- 7829, 2021.